

Conflitos e acordos entre Jornalismo e Ciência

TEXTO DE CARLOS CHAPARRO

À ciência, a sociedade delega a missão de encontrar explicações e soluções para os problemas e mistérios do mundo. E assegura-lhe recursos para produzir conhecimentos que sirvam à sobrevivência e à cultura humana. Porque assim é, esse conhecimento precisa ser socializado, pois na sociedade está o seu destino.

A ciência precisa do jornalismo tanto quanto o jornalismo precisa da ciência. De um lado, o jornalismo capta as indagações do mundo, e no mundo observa acontecimentos, com o dever de oferecer à sociedade, além dos relatos, respostas e explicações que provavelmente só encontrará no saber científico. De outro lado, a ciência perde sentido humanista se não puder socializar o conhecimento que produz, devendo, por isso, em favor da sociedade, aproveitar-se da capacidade difusora do jornalismo e da eficácia asseverativa da linguagem jornalística.

Acresce ainda – e essa não é uma razão menor – que os fatos científicos devem ser noticiados, para que se completem como acontecimentos relevantes para a atualidade, capazes de interferir no mundo presente das pessoas. Toca-se, aí, por convergência, no mais importante papel sociocultural do jornalismo: pela linguagem do relato e do comentário, pela capa-

cidade de contextualizar os fatos e pela difusão simultânea em larga escala do que divulga, o jornalismo dá atributos de discurso aos acontecimentos, e como discurso transformador os socializa.

Mas é na esfera discursiva que se dão os desencontros entre a ciência e o jornalismo. Quando se propõe a adequação da linguagem científica à linguagem jornalística, ou o inverso, coloca-se inevitavelmente uma questão de atrito discursivo. Preliminarmente, há uma assimetria de interesses – aquela que frequentemente opõe os repórteres às fontes, as fontes aos repórteres.

O jornalista está prioritariamente interessado em apropriar-se de informações, revelações, análises e opiniões, para usá-las em função do interesse do seu leitor, de seu jornal ou do próprio interesse do profissional. Já o cientista, no seu papel de fonte, adota normalmente procedimentos de controle ou de filtragem da informação, para resguardar-se de entendimentos equivocados, de concessões ao sensacionalismo ou, até, de interpretações tendenciosas. Por causa das razões da ciência, ou das razões da carreira, o cientista procura minimizar os riscos de uma exposição pública realizada por modos e meios que não domina.

Os interesses divergem porque as ações, e portanto o sucesso que se busca, são por natureza diferentes: a ciência produz conhecimento; o jornalismo empenha-se na sua divulgação, para que seja socializado.

Para a convalidação pelos pares do conhecimento produzido, o cientista impõe ao seu discurso um esquema argumentativo de características particulares, assumindo uma linguagem especializada que privilegia o rigor e a exatidão, inclusive a lexical, para que apenas um significado caiba em cada palavra. Nesse rigor linguístico, a ciência foge (por exemplo) da metáfora como o diabo foge da cruz.

Já a ação jornalística exige um discurso não especializado. Por isso, o jornalismo prefere as liberdades criativas dos esquemas narrativos, apropriados para o relato de ações humanas – e é isso que o jornalista faz, mesmo quando divulga ciência.

As diferenças discursivas geram atritos. Mas também possibilitam e estimulam acordos criativos - acordos sempre basea-

dos no obrigatório compromisso jornalístico de jamais fraudar o discurso da ciência quando o “transporta” da estrutura argumentativa do texto científico para a estrutura narrativa do texto jornalístico.

Questão discursiva

No livro em que faz a construção argumentativa de um novo paradigma da ciência, o sociólogo e pensador Boaventura de Sousa Santos mostra-se particularmente empenhado em dar novas razões às relações entre a ciência e os quatro contextos estruturais que de alguma forma a determinam: Família, Fábrica, Estado e Nação. Nas razões que arrola, o professor Boaventura lembra que o conhecimento científico é produzido a partir de objetos empíricos captados fora da comunidade científica e que, depois de produzido, o conhecimento destina-se a ser aplicado no interior de vários contextos sociais, nomeadamente no interior daqueles quatro contextos estruturais, nos quais se situam os objetos empíricos geradores do conhecimento.¹

É uma relação desequilibrada de poderes. E no entendimento do autor, o maior fator de desequilíbrio é o próprio conhecimento científico, que transforma alguns grupos preferencialmente em objetos sociais, outros grupos, preferencialmente em sujeitos sociais. Para equilibrar e humanizar essa relação, propõe o professor Boaventura um novo modelo de aplicação do conhecimento científico, a que chama de *aplicação edificante*, presidida por um *know-how* ético.

Nas dez características que definem o modelo, a comunicação ocupa relevância particular, até por se tratar de um processo argumentativo destinado a ampliar os espaços de interlocução e a distribuir mais equitativamente as competências argumentativas dos diversos grupos em luta por decisões de conflitos.

Estamos, assim, diante de uma proposta criativa de socialização do conhecimento, com o pressuposto estabelecido de que o cientista, na *aplicação edificante* do seu saber, terá capacidade de transformar os saberes locais.

¹ VER: SOUSA SANTOS, Boaventura de. Introdução a uma Ciência Pós-Moderna. Porto: Afrontamento, 1989 (6ª edição).

"O cientista edificante", escreve o professor Boaventura, "tem de saber falar como cientista e como não cientista, no mesmo discurso científico". Complementarmente, "tem de saber falar como cientista nos vários discursos locais, próprio dos vários contextos de aplicação".

Não quero questionar nem rejeitar a aplicação edificante do conhecimento científico proposta pelo notável pensador Boaventura de Souza Santos. Mas não acredito na sua eficácia como processo de socialização do conhecimento científico, até por não perceber na proposta qualquer renúncia à lógica argumentativa do discurso científico.

O saber científico, que se origina na sociedade, à sociedade deve ser devolvido, para as elucidações e transformações que deve produzir. Nessa perspectiva, o filósofo e escritor argentino Mario Bunge, há décadas empenhado na divulgação científica, já escreveu que, *"se quisermos sobreviver e prosperar em democracia, teremos que superar o analfabetismo científico-técnico, porque os ignorantes não podem ser trabalhadores competentes nem cidadãos esclarecidos"*.²

Por qualquer das visões, o saber científico, que se origina na sociedade, à sociedade deve ser devolvido, para as elucidações e transformações que deve produzir. Mas como poderá isso acontecer sem discursos interpretadores de um "idioma" hermético, altamente especializado e controlado pelo rigor do método?

Acordo possível

Para expandir esta reflexão sobre "jornalismo científico", ou seja, a divulgação da ciência e do conhecimento científico pelo jornalismo, contarei uma historinha da qual fiz parte, ocorrida anos atrás na Universidade de São Paulo.

² VER: BUNGE, Mario. *La Ciencia, Su Metodo e Su Filosofia*. Ensaio disponível para compra em edição eletrônica (<https://itunes.apple.com/br/book/la-ciencia-su-metodo-y-su/id786789582?mt=11>). Escrita originalmente em 1960, a obra tornou-se texto de referência para entender o método científico e os pilares da filosofia da ciência. Nascido em 1919, e com carreira acadêmica iniciada na Universidade de Buenos Aires, Mario Bunge transferiu-se em 1962 para o Canadá, tornando-se professor de Filosofia na McGill University de Montreal, à qual nesta data (outubro de 2014) continua vinculado.

As coisas aconteceram numa qualificação de mestrado, na Escola de Comunicações e Artes, e eu estava na banca. Qualificação de mestrado é um exame em que se avalia o mérito do projeto de pesquisa do candidato a mestre, e os estudos já feitos, para decidir se o mestrando está apto a prosseguir na caminhada. Ao contrário do que acontece no concurso de defesa de tese, na prova de qualificação a banca age de forma cordial, em atitude de colaboração que quase sempre resulta em boas ajudas ao futuro mestre ou doutor.

Foi, portanto, com espírito de colaboração que, na minha arguição, ofereci algumas ideias sobre o assunto “jornalismo científico”, temática pela qual me interesso há anos e na qual se enquadrava a proposta acadêmica do candidato a mestre.

Disse principalmente o seguinte: nos grandes jornais, as páginas e colunas sobre ciência, por adesão à linguagem científica, assumem estilo e tom também de discurso especializado. E acabam por ser lidas quase só por cientistas, até porque, em boa parte dos casos, publicam textos escritos para as fontes científicas, por serem os cientistas entrevistados os primeiros e mais críticos leitores. Cria-se, assim, um circuito fechado nada jornalístico.

Claro que essas páginas e colunas especializadas podem e devem continuar a desfrutar da relevância que justifica o prestígio que têm e o espaço nobre que ocupam. Mas penso que, tanto para a sociedade quanto para o próprio jornalismo, seria importante que em todas as editorias de um jornal – da Política ao Esporte – os repórteres se habituassem a procurar as fontes científicas, para a elucidação dos assuntos que tratam. Haveria, assim, uma disseminação do conhecimento científico estratégica e taticamente vinculada aos assuntos relevantes do dia a dia.

Naquela manhã, outro membro da banca, jornalista experimentado, que já fora editor de ciência num dos principais diários brasileiros, pediu a palavra e me deu razão. Para sustentar a concordância, lembrou um episódio da experiência pessoal. Certo dia, no fechamento de uma reportagem que enchia a página de ciência, ele cometeu um grave engano e só descobriu isso quando já não havia remédio. Na manhã seguinte, ainda em casa, ao ler o jornal, percebeu o erro, falha tão grave que passou a admitir a hipótese de ser demitido. E com esse temor se encaminhou à redação, para trabalhar. Pois nada

aconteceu, nem uma reprimenda, nem qualquer comentário. Nem os leitores reclamaram. “*Acho que ninguém leu aquilo*”, disse.

Bem, a historinha está contada. Não sei se ela me dá razão ou não, nem talvez isso venha ao caso. Mas o episódio me veio à lembrança em tempos recentes, quando, em Portugal, participava de um colóquio luso-brasileiro sobre a divulgação jornalística da ciência.

Nesse colóquio, mais uma vez, cientistas e jornalistas se reuniram para discutir as dificuldades de relacionamento entre si. Fazemos isso há anos, e não vamos parar tão cedo, pois as divergências continuam e precisam ser superadas. Porque o sucesso da interação interessa igualmente aos dois lados.

Cientistas e jornalistas concordam que uma das formas mais eficazes de socializar o conhecimento científico é a utilização inteligente do jornalismo, para que os fatos científicos sejam relatados e explicados em linguagem que todos entendam. Nessa operação, o jornalismo exerce a aptidão de agregar a explicação científica ao relato dos acontecimentos da atualidade, para lhes aclarar a significação.

Por vocação e natureza, a ciência fala uma linguagem especializada, hermética, de rigor lexical, que frequentemente só os cientistas entendem. Em suas múltiplas manifestações (teses, livros, seminários, *papers...*), usa argumentação altamente especializada, para públicos também especializados. E tranca o conhecimento em bibliotecas distantes do povo.

Para alcançar as camadas sociais não acadêmicas, o saber científico precisa ser “traduzido” para linguagens de gente comum. O sistema educacional faz isso, didaticamente. E o jornalismo também o faz, ou deveria fazê-lo, com a eficácia da sua linguagem narrativa e com a velocidade e o vasto alcance da sua difusão em redes universais.

Mas os cientistas, às vezes com razão, desconfiam da “tradução” jornalística e temem a propensão jornalística para o sensacionalismo.

Diálogo necessário

Ao contrário do que acontece com a ciência, o sucesso do jornalismo depende da clareza e da capacidade de se fazer entender por todos. Por isso prefere utilizar as facilidades criativas da narração, que incluem o uso de coisas como metáforas, analogias e explicações complementares – recursos de linguagem que o discurso da ciência rejeita.

Existe, portanto, uma divergência discursiva a atrapalhar o diálogo: a ciência argumenta, num esquema retórico muito particular, marcado por elevado grau de especialização; o jornalismo narra, com as liberdades estilísticas que agregam ao texto, preservando-lhe a veracidade, a clareza e os encantos de “história contada”.

Não é uma operação fácil, essa de transformar a argumentação científica em narração jornalística, ainda por cima tendo de preservar a qualidade da informação ou da revelação científica. E por ser difícil, o sucesso da operação depende dos dois lados: assim como se exige do jornalismo a capacidade de compreender e respeitar o discurso e as razões da ciência, também se espera que a ciência se capacite para lidar com a cultura e o processo do jornalismo.

Há que dialogar e cooperar, em benefício da sociedade.

=====

* Texto postado a 22/10/2014